

Medicalização com enfoque no uso indiscriminado de metilfenidato: Uma revisão de literatura

Medicalization focusing on the indiscriminate use of methylphenidate: An integrative review

Medicalización con enfoque en el uso indiscriminado de metilfenidato: Una revisión integradora

Recebido: 03/10/2022 | Revisado: 16/10/2022 | Aceitado: 19/10/2022 | Publicado: 24/10/2022

Ingred Benício Guilherme

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6002-7606>

Unidade de Ensino Superior do Sul do Maranhão, Brasil

E-mail: ingridbenicio@gmail.com

Monica Oliveira Dominici Godinho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3874-0576>

Unidade de Ensino Superior do Sul do Maranhão, Brasil

E-mail: monicaodg@gmail.com

Resumo

Os impactos que o fenômeno da medicalização vem acarretando, são delimitados por uma linha tênue que divide a medicação necessária e a medicalização da vida, essa realidade é percebida em diferentes espaços. Nesse cenário o metilfenidato é o mais explorado, sendo o psicotrópico mais consumido no mundo, suas características farmacológicas têm criado, historicamente, uma preocupação com seu potencial como droga de abuso. O objetivo buscado foi o de identificar os prejuízos da medicalização, a fim de voltar a atenção especificamente ao uso indiscriminado do metilfenidato dentro desse contexto. A metodologia consiste em uma revisão integrativa, em que se foi utilizada para a busca de dados as plataformas: SciELO, Medline, Lilacs e na biblioteca PubMed. Que culminou na avaliação ampla do tema em diferentes contrastes ao redor do mundo, indo além do sistema médico e abrangendo a esfera cultural da autoeficácia, concluindo que se predomina a ideia do desempenho em detrimento da saúde física e mental, não encontrando outra forma de se realizar senão pela potencialização química dos resultados.

Palavras-chave: Medicalização; Metilfenidato; Saúde.

Abstract

The impacts that the phenomenon of medicalization has been causing are delimited by a fine line that divides the necessary medication and the medicalization of life, this reality is perceived in different spaces. In this scenario, methylphenidate is the most explored, being the most consumed psychotropic in the world, its pharmacological characteristics have historically created a concern about its potential as a drug of abuse. The objective sought was to identify the harm caused by medicalization, in order to specifically focus on the indiscriminate use of methylphenidate within this context. The methodology consists of an integrative review, in which the platforms: SciELO, Medline, Lilacs and the PubMed library were used to search for data. That culminated in the broad assessment of the theme in different contrasts around the world, going beyond the medical system and covering the cultural sphere of self-efficacy, which prioritizes performance over physical and mental health, finding no other way to do it than by potentiating it. chemistry of the results.

Keywords: Medicalization; Methylphenidate; Health.

Resumen

Los impactos que viene provocando el fenómeno de la medicalización están delimitados por una fina línea que divide la medicación necesaria y la medicalización de la vida, esta realidad se percibe en diferentes espacios. En este escenario, el metilfenidato es el más explorado, siendo el psicotrópico más consumido en el mundo, sus características farmacológicas han creado históricamente una preocupación por su potencial como droga de abuso. El objetivo buscado fue identificar los daños causados por la medicalización, para enfocar específicamente el uso indiscriminado de metilfenidato en este contexto. La metodología consiste en una revisión integradora, en la que se utilizaron las plataformas: SciELO, Medline, Lilacs y la biblioteca PubMed para la búsqueda de datos. Eso culminó con la amplia evaluación del tema en diferentes contrastes alrededor del mundo, rebasando el sistema médico y abarcando la esfera cultural de la autoeficacia, concluyendo que la idea de actuación predomina en detrimento de la salud física y mental, encontrando no hay otra manera de actuar sino por la potenciación química de los resultados.

Palabras clave: Medicalización; Metilfenidato; Salud.

1. Introdução

Para que se possa entender o fenômeno da medicalização é necessário que se pontue o que de fato ele significa, foi exposto no Fórum Sobre Medicalização da Educação e da Sociedade (2015) que a medicalização se trata do processo por meio do qual as questões da vida social que são complexas, multifatoriais e marcadas pela cultura e pelo tempo histórico são reduzidas a um tipo de racionalidade que vincula artificialmente a dificuldade de adaptação às normas sociais a determinismos orgânicos que se expressariam no adoecimento do indivíduo.

Sabendo disso, é necessário aqui esclarecer a importância em diferenciar os verbos medicar, que se refere unicamente à prescrição de medicamentos, e medicalizar, referente à instituição, sobre fenômenos humanos, de olhares e práticas exclusivamente biológicas e focadas no adoecer, desconsiderando a complexidade das relações de poder, das organizações sociais, políticas, econômicas e culturais que compõem tanto as referências de normal e patológico quanto os contextos experienciais dos sujeitos (Baumgardt & Zardo, 2016).

Essa dicotomia nos permite não só visualizar melhor a função de ambas as partes, mas também em como uma impulsionou a outra, Basaglia (2010) vai destacar que no campo médico, a construção do diagnóstico psiquiátrico se baseia na identificação de um conjunto de sintomas compatíveis com um quadro nosográfico, que frequentemente não é definido por suas causas, mas pelos próprios sintomas, visto que existem diversas hipóteses neurológicas e biopsicossociais que procuram explicá-los, o que revela o quão os diagnósticos por vezes são feitos sem considerar aspectos importantes do sujeito, o levando a ser medicado por uma mera ocasionalidade de sintomas, sem considerar outras possibilidades de tratamento.

O estudo busca expor os impactos que esse fenômeno vem acarretando, delimitando a linha tênue que divide a medicação necessária e a medicalização da vida, como trazem Silva e Canavêz (2017) essa realidade é percebida em diferentes espaços, como a escola, as salas de espera dos consultórios médicos e também os atendimentos psicológicos. Os profissionais têm encontrado uma demanda crescente por diagnósticos que visam traduzir um cenário de busca intensa por um estado de saúde utópico.

Um dos principais meios de incômodo com o aqueles que apresentam características “fora da normalidade” é a educação, onde um diagnóstico vem sendo cada vez mais recorrente, Zangrande et al., (2021) destaca que dentre os transtornos neuropediátricos e psiquiátricos infantis mais comuns está o Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), A ONU (2015) indicou os principais fatores que contribuem para o cenário de consumo de medicamentos para o tratamento do TDAH, entre eles citou o aumento crescente de pacientes, erro no diagnóstico, prescrição indevida de metilfenidato, falta de diretrizes médicas adequadas relativas à sua prescrição, a oferta do mercado cada vez maior em muitos países, as práticas comerciais influentes, ou de marketing agressivo por parte de fabricantes de preparados farmacêuticos que contêm metilfenidato.

O metilfenidato possui um consumo maior que a soma de todos os outros psicoestimulantes, sendo o mais consumido no mundo (Salviano, 2015). O Brasil hoje em dia ostenta uma patente alta no seu consumo frente toda a população, Reis (2020) alerta quanto a sua posição no ranking universal, em que hoje ele ocupa o segundo lugar em maior nível de consumo de metilfenidato no mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, posição que vem assegurando a cerca de dez anos, ao aproximarmos para a América do Sul é dirigida a seguinte fala:

Neste contexto, o país da América do Sul que mais consome anfetaminas é o Brasil, principalmente por portadores que apresentam TDAH (diagnosticados corretamente ou não) ou por estudantes que procuram maior foco e rendimento acadêmico. Assim, são consideradas como drogas de abuso, as quais são substâncias que alteram funções fisiológicas e psicológicas do organismo (Reis et al., 2018).

Quanto aos diagnósticos, se faz preocupante a fala elevada em parênteses quanto a aqueles não recebem o diagnóstico

correto e mesmo assim são submetidos a medicação de forma indiscriminada, o Boletim Brasileiro de Avaliação de Tecnologias em Saúde (ANVISA, 2014) traz em sua última publicação a respeito desse tema que o número de crianças e adolescentes com diagnóstico de TDAH cresceu nos últimos anos. As estimativas de prevalência no Brasil desse transtorno variam consideravelmente, de 0,9% a 26,8%, o que chama atenção para os possíveis fatores sociais que podem estar potencializados essas estatísticas e aponta para uma possível preocupação em se analisar se os critérios diagnósticos estão sendo de fato realizados de forma assertiva.

Os efeitos adversos comumente encontrados em pesquisas e citados na bula do medicamento estão: diminuição do apetite, insônia, dores de cabeça e dores abdominais, sendo estes observados entre 58% e 78% dos pacientes em uso de metilfenidato (Clavenna&Bonati, 2014). Esses efeitos adversos surgiram independentemente das doses e da duração do tratamento, apesar de não existir estudos de longa duração (Holmskov et al., 2017). Há relatos de hepatotoxicidade e insuficiência hepática relacionadas ao uso de metilfenidato, que se recuperaram após a cessação do tratamento e também em que foi necessário o transplante de fígado, algumas crianças apresentam crescimento mais lento que o normal durante o uso do estimulante.

Deve-se voltar a atenção para o fato de que assim como qualquer medicamento ele traz a possibilidade de vir acompanhado por seus efeitos adversos, no entanto, a questão a ser observada é no quão se encontra disposta a sociedade a passar por esse processo de tratamento farmacológico, seja na configuração do diagnóstico precipitado de TDAH ou na busca pelo fármaco como estratégia para melhora do desempenho cognitivo sem considerar outras possibilidades de diagnóstico e tratamento.

2. Metodologia

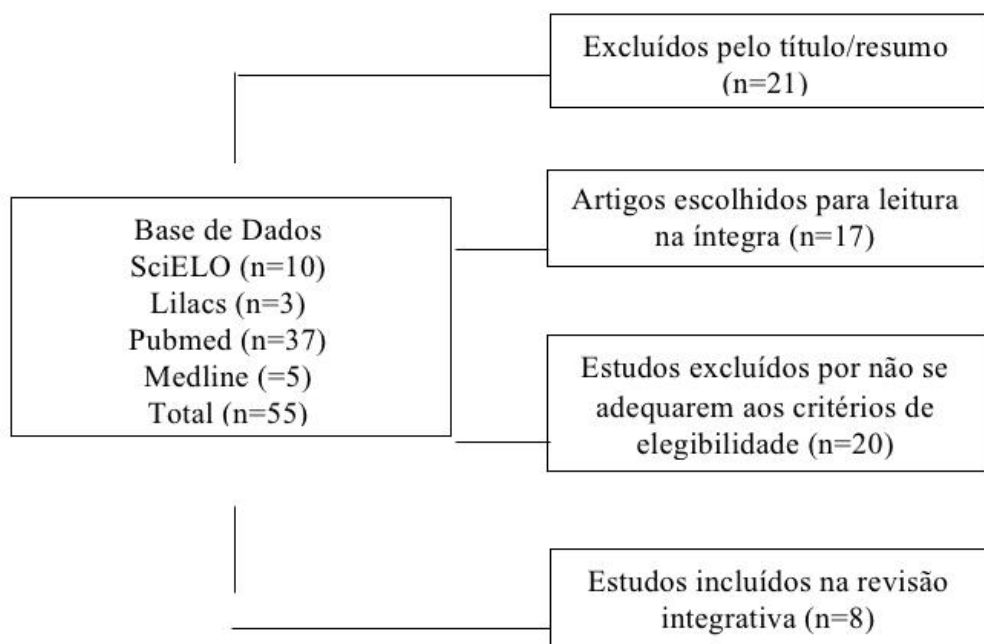
Foi realizada uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL). A escolha se deu por se tratar de um método de Pesquisa Baseada em Evidências, BaptistaI et al., (2020) traz que esse tipo de pesquisa possibilita sintetizar resultados sobre uma determinada questão ou temática, realizada de maneira ordenada e sistemática, e seguindo um protocolo pré-estabelecido que guia sua execução desde a definição do problema a ser investigado até a apresentação dos resultados finais. Para o encaminhamento deste estudo foi utilizada a pergunta norteadora embasada em ajuste com o objetivo da pesquisa. Sendo assim: “Quais os impactos da medicalização e uso indiscriminado de metilfenidato?”.

As pesquisas ocorreram no período extensivo de agosto de 2021 a setembro de 2022 utilizando as seguintes base de dados: SciELO (Scientific Electronic Library Online), Medline (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online), Lilacs (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde), e na biblioteca PubMed (National Library of Medicine), mediante o cruzamento dos seguintes descritores: “Medicalização”, “Metilfenidato” e “Saúde”, e suas respectivas traduções para o inglês: “medicalization”, “methylphenidate” e “health”.

Os critérios para inclusão dos resultados foram por meio de artigos, divulgados em periódicos organizados nas bases de dados supracitadas, nos idiomas português e inglês, que acometessem o tema selecionado para análise, que estivessem disponibilizados de forma gratuita, e que estivessem publicados durante o período de 2016 à setembro de 2022. Os critérios de exclusão foram: artigos de revisão, duplicados, teses, resenhas, editoriais, monografias, dissertações e artigos de opinião.

Para melhor entendimento da triagem executada, foi desenvolvido um PRISMA detalhando o processo de seleção dos artigos que foram analisados na revisão (Figura 1).

Figura 1 – PRISMA.



Fonte: Autores (2022).

3. Resultados

Estão organizados no quadro abaixo os dados da seguinte forma: No quadro 1 foram numerados os artigos selecionados, acompanhados por autor/ano, metodologia e periódico, seguido dos dados da intervenção utilizada na pesquisa e os resultados obtidos pelos autores.

Quadro 1 – Artigos selecionados.

Ref	Autor/Ano	Metodologia	Periódico	Intervenção	Resultados/Conclusão
1	Tolentino; Netto. (2019).	Pesquisa qualitativa	Com. Ciências Saúde	A pesquisa foi realizada com estudantes do curso de medicina de uma Faculdade de Medicina em Brasília - Distrito Federal, no período de março a abril de 2018. Teve como amostra os alunos matriculados no curso de medicina do 1º ao 10º período.	Observou-se que a maioria dos estudantes (63,8%; n=36) não possui prescrição médica para tal consumo. Dentre os que apresentam receita médica (36,2%; n=21), a pluralidade dos indivíduos (71,43%) declarou que são francos com os médicos e admitem que gostariam de usufruir do medicamento para poder melhorar a qualidade dos estudos.
2	Brust et al. (2022).	Pesquisa quantitativa-qualitativa.	Research, Society and Development.	Aplicou-se um questionário virtual, de agosto a dezembro de 2019, tendo 252 respondentes, de ambos os sexos e idade de 18 a 54 anos. Realizou-se uma análise das práticas discursivas presentes no cenário social, tendo como referencial da análise o pensamento hermenêutico.	A pesquisa resultou em uma frequência significativa entre os sintomas medicalizáveis e elementos da vida cotidiana que são típicos da sociedade contemporânea. As pessoas vincularam espontaneamente os fenômenos corriqueiros a classificações médica/diagnóstica, não se resolvem os fatores produtores do problema, pelo contrário, se sofrem com as condições adversas gerada pelo próprio medicamento administrado de forma desnecessária.

3	Rodrigues; Silva. (2021).	Pesquisa qualitativa	Revista Psicologia em Estudo	Foi realizado um levantamento dos laudos nos anos de 2003 a 2016 apresentados por candidatos junto ao setor responsável pelos processos seletivos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Foram elencados 809 requerimentos, em que 96 candidatos tinham laudos de dislexia e/ou TDA/H, sendo 42 do sexo feminino e 54 do masculino, 34 destes com intenção para o curso de medicina.	O número de requerimentos aumentou de 2003 para 2016, assim como o uso de medicamentos, sendo que 32 candidatos comprovam o uso do composto cloridrato de metilfenidato. Candidatos com laudos de dislexia e TDA/H devem ser reavaliados e tais pseudodiagnósticos desconstruídos, uma vez que culminam na proliferação de laudos, aumento do consumo de fármacos e, conseqüentemente, contribuem para o processo de medicalização da vida.
4	Grimmsman; Himmel. (2020).	Estudo observacional	European Journal of Clinical Pharmacology	Este estudo observacional foi baseado em uma análise secundária de dados de um grande banco de dados alemão, incluindo pacientes com diagnóstico de TDAH entre 2008 e 2018. Os dados de prescrição incluíam todos os medicamentos aprovados para o tratamento do TDAH na Alemanha: dexamtamina, lisdexanfetamina e metilfenidato como estimulantes e atomoxetina e guanfacina como drogas não estimulantes.	O metilfenidato ainda é a substância dominante de 2008 a 2018, com mais de 90% dos pacientes recebendo este medicamento, tendo mais prescrições nesses anos a adultos, o que sugerem que o surgimento de sintomas de TDAH em anos podem não se originar do próprio TDAH, mas reflete um ou mais outros transtornos de saúde mental com sintomas semelhantes da seguinte forma: a depressão está associada à dificuldade de se concentrar nas tarefas, a ansiedade pode causar distração. Este conceito pode ajudar a explicar por que tantos adultos (27%) na amostra eram usuários pontuais, ou seja, eles não receberam ou exigiram uma segunda prescrição após uma terapia inicial com o medicamento.
5	Franco et al. (2020).	Pesquisa de campo	Nuances: Estudos sobre Educação	Por meio de uma pesquisa de campo, realizada em três municípios paranaenses, na rede pública municipal de Ensino, nos segmentos de Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, foi possível verificar o percentual de crianças que fazem uso de medicamento controlado, qual o diagnóstico predominante e qual medicação mais prescrita.	O medicamento mais prescrito foi o Metilfenidato, estudos demonstram que o uso prolongado de psicoestimulantes provoca efeitos adversos como perda do apetite, dores de cabeça, problemas urinários, derrames cerebrais, riscos cardiovasculares e até morte súbita. Temos, em nossos resultados, o uso de Metilfenidato para controlar a atenção e a conduta das crianças, que não é um procedimento novo, mas vem crescendo de forma epidêmica nos últimos anos.
6	Ching et al. (2019).	Meta análise	Jama Pediatrics.	Foi realizada uma meta-análise de 11 ensaios clínicos randomizados e 38 estudos de coorte que encontrou uma ampla variação nas faixas de dose para medicamento com Metilfenidato em sua composição, o estudo foi realizado em crianças até 18 anos de idade; que tiveram um diagnóstico de TDAH de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais e a dose de metilfenidato foi determinada por titulação.	Nenhum estudo relatou justificativa para a faixa de dose escolhida. Portanto, não está claro se as doses foram selecionadas arbitrariamente ou baseadas em evidências. Os efeitos adversos comuns do metilfenidato incluíram insônia, anorexia, dor abdominal.
7	Krinzinger.. (2019).	Pesquisa qualitativa	Neuroscience & Biobehavioral	Foi feito um mapeamento das evidências atuais sobre resultados neurológicos e psiquiátricos, adversos ou benéficos, do tratamento a longo prazo com MPH (> 1 ano) no TDAH.	Indicou a necessidade de cautela no caso de um jovem que abusa MPH. Concluindo que a base de evidências sobre os resultados do humor do tratamento com MPH a longo prazo é relativamente forte. Quatorze estudos

				Codificando estudos usando um sistema de “trânia de trânsito”.	relataram baixo humor ou depressão como um potencial resultado adverso do tratamento com metilfenidato a longo prazo.
8	Morgan et al. (2016).	Pesquisa quantitativa observacional do tipo transversal	Revista Brasileira de Educação Médica	Foi feito um estudo quantitativo observacional do tipo transversal com 200 estudantes de graduação em Medicina da Furg, matriculados nessa instituição no segundo semestre de 2015. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário padronizado e de autopreenchimento, com questões demográficas, comportamentais e sobre o uso de estimulantes. Foram coletadas informações acerca do consumo de metilfenidato.	A prevalência de uso de substâncias estimulantes na vida foi de 57,5% (IC95% 50,9 a 64,4), sendo que 51,3% destes começaram a usá-las durante a faculdade. O uso de psicoestimulantes no momento da pesquisa teve prevalência de 52,3% (IC95% 45,3 a 59,3), valendo destacar que 16,6% dos estudantes consumiam mais de uma substância psicoestimulante..

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Diante do quadro é possível observar que, em todos de alguma forma traz resultados preocupantes relacionados ao crescente uso de medicamentos psicotrópicos, sendo alguns trazendo o metilfenidato na composição. Ao refletir quanto aos artigos que trazem a dimensão do fenômeno da medicalização colocam que ela se encontra mais frequente no meio acadêmico, sem prescrições médicas e frequentemente por elementos típicos da sociedade contemporânea.

O que leva a observar a dimensão seguinte que é a do uso indiscriminado do metilfenidato, pois também foi apontado a alta crescente de diagnósticos em TDAH do qual ele se faz como medicamento de ponta de linha, se tornando sinônimo de alerta, isso porque assim como qualquer medicamento ele causa efeitos adversos, mas que a quem realmente precisa do seu uso ele se faz necessário, se sobrepondo a esses efeitos. No entanto a que o usa por mero potencializador de desempenho. Esses efeitos podem ser observados no quadro e também em informações antecedentes, sendo os mais pontuados nas pesquisas a insônia, anorexia, depressão e baixas de humor.

4. Discussão

A partir da seleção de artigos, antes mesmo de fundar a seleção, foi observado como a medicalização tem forte crescimento dentro do grande núcleo da educação, em sua grande parte são ligados a ela, isso porque como anuncia Silva (2011) questões como os comportamentos não aceitos socialmente, as performances escolares que não atingem as metas das instituições, as conquistas desenvolvidas que não ocorrem no período estipulado, são retiradas de seus contextos, isolados dos determinantes sociais, políticos, históricos e relacionais, passando a ser compreendidos apenas como uma doença, que deve ser tratada.

Ao falar em tratar acaba por se fazer um link direto com ato de medicar, o que vai predominar dentro o conceito de medicalização vai ser a busca pelo efeito de potencializar algo em detrimento da saúde, como é por exemplo apresentado no Tolentino & Netto (2019), que fizeram a busca entre acadêmicos de medicina e comprovaram entre esses o uso do metilfenidato de forma indiscriminada, isso porque, mesmo descartando aqueles que usam em razão de alguma patologia, ainda prevalece os que usam sem prescrição médica e meramente por sentirem a necessidade de aumentar o foco e produtividade apelando para a química.

Importante destacar aqui as consequências do uso do metilfenidato sem prescrição médica, ou até sem acompanhamento de uma equipe multidisciplinar para tratamento do Transtorno para qual a medicação é indicada, são de abuso e dependência, mascaramento de doenças evolutivas, principalmente as de saúde mental como ansiedade e síndrome do pânico, diminuição do apetite, diminuição do sono, levando a consequência de qualidade do sono diminuída, problemas cardiovasculares pontuais e transitórios, como aumento da pressão sistólica, frequência cardíaca e respiratória, se o indivíduo já tiver problemas cardíacos

preexistentes pode levar até ao óbito. (Schuindt, 2021).

Essas informações são detalhadas na própria bula do medicamento e em muitas pesquisas, assim como a que foi supracitada, tendo inclusive como público alvo acadêmicos de medicina, o que levanta a questão de que não é falta de informação, esta existe, o que pode ser a motivação central seria a cultura crescente da necessidade de sermos sempre melhores, mais produtivos, para além da própria capacidade, como na idéia foucaultiana de que o corpo é uma realidade bio-política e a medicina é uma estratégia bio-política. (Foucault, 1984, p. 47).

Esse levantamento, é seguido por uma pesquisa ainda mais recente, que abre esse campo para pessoas em geral, sem considerar se estas se encontram em meio acadêmico e/ou o curso que fazem, se observa mais uma vez uma negligência ao se preocupar com os efeitos adversos do medicamento, Brust et al. (2022) vão revelar que a prática de medicalizar fenômenos cotidianos, e dar a eles motivações exclusivamente biológicas e dissociando-os das condições de vida, aponta para dois aspectos: o primeiro seria, a ausência destes fenômenos seria uma representação idealizada do corpo e da saúde, inatingível para a maioria da população; em segundo lugar, os dados sugerem uma relação direta entre a presença de tais fenômenos e as condições de estar vivo.

Dando seguimento a análise, se percebe também, além do grande consumo sem prescrição médica, o alarmante excesso de diagnósticos para TDAH, principalmente na fase adulta, Rodrigues & Silva (2021), citam como uma “ploriferação de laudos”, trazendo uma visão mais crítica, que denuncia práticas medicalizantes no nível superior de ensino, por conta do relevante aumento vertiginoso dos diagnósticos de dislexia e TDA/H a cada ano, apontando para que seja cogitado a reavaliação de tais possíveis “pseudodiagnósticos”.

Essa mesma idéia é sentida também na Europa, no artigo que sucede o mesmo, é pontuada a observação de que as pessoas que recebem o diagnóstico de TDAH, raramente buscam outras opções ou insistem na constatação do diagnóstico de fato, ele reforça também que no cenário europeu os crescentes diagnósticos são entre adultos, o número de pacientes entre 17 e 24 anos recebendo prescrição aumentou 113% e segue crescendo ano após ano. (Grimmsman & Himmel, 2020). Idade em que se há a recorrente entrada no ensino superior e também são destacadas em crescente aumento no Brasil como citado de início.

No quadro também é possível vislumbrar o cenário norte americano, continente que lidera o ranking do uso do metilfenidato, Krinzinger (2019) atento a esse fato, mapeia a base de evidências atuais nos Estados Unidos, quanto aos efeitos neuropsiquiátricos adversos, incluindo efeitos comportamentais, do tratamento com metilfenidato a longo prazo (per a duração do tratamento de um ano ou mais), incluindo os efeitos a longo prazo de tal tratamento. Como o TDAH é um distúrbio do desenvolvimento que pode persistir ao longo da vida, o metilfenidato é frequentemente prescrito por longos períodos de tempo, o que torna ainda mais urgentes medidas de uma melhor avaliação da real necessidade de seu uso, assim como, o seu uso isolado, sem outras alternativas que dêem suporte ao tratamento.

O estudo dos dados, nos leva a compreender o exemplo de Zangrande et al., (2021) de que estudantes que não se ajustam ou atentam contra os padrões de aprendizagem esperados, são tidos como desviantes, fora da normalidade e, como resolução de tais desvios pela prática atual da educação se tornam produto da medicalização. Nos artigos é possível encontrar em três diferentes continentes os seguintes traços em comum: Uso indiscriminado do medicamento sem prescrição médica, crescente aumento de diagnósticos, principalmente em adultos, ausência de outras formas terapêuticas aliadas ao medicamento, relatos do uso off-label, quando se usa pelo mero desejo de potencializar o desempenho em determinada função em detrimento a saúde física e mental.

5. Conclusão

A partir do compilado de informações aqui organizadas, é possível observar num primeiro momento as diversas formas pelas quais esse fenômeno se inicia, até mostrar onde a crescente onda de medicalização se encontra hoje, no entanto, dificilmente se prevê até quão longe ela irá banhar a costa. Seria a informação seu quebra-mar? Possivelmente não, vai além, existe elementos culturais em sua estrutura.

No artigo apresentado, é exposto como a realização de um diagnóstico e prescrição de psicotrópicos é uma questão delicada, mas a falta dele também faz efeito negativo, deixando claro que os medicamentos não são inimigos da sociedade, mas a sua má utilização sim. Sobretudo porque, se observa uma tendência mundial de lógica do poder medicalizante, onde o desempenho, é colocado como centro em detrimento da saúde mental e física, que sofre as consequências dessas medidas, principalmente no caso do uso do metilfenidato em especial como foi exposto, que vem tomando cada vez mais espaço no cenário da medicalização mundial por seus efeitos off-label, se tornando um mero potencializante, ao invés de uma ferramenta de tratamento.

Com a produção e publicação desse artigo, se busca demonstrar como o uso de psicofármacos ganha um retrato mundial preocupante, assim, tendo em vista que o consumo indiscriminado do medicamento pesquisado cresce anualmente como demonstrado, é importante que os próximos estudos continuem atualizando esses dados, a fim de que se possam subsidiar novas pesquisas e políticas públicas que questionem e façam o enfrentamento necessário à medicalização.

Cabe, por fim, destacar que, é necessário que pesquisas com cunho crítico e científico continuem apontando os impactos desse fenômeno, observando não somente as motivações sociais envolvidas nesse processo, mas também trazendo os resultados de sua propagação no bem viver da sociedade, a ciência traz clareza para aquilo que se busca ignorar, nascendo assim, a exigência de que de que esta assuma a responsabilidade de levantar dados, casos, experimentos, estudos, que comprovem ou reprovem tudo aquilo que se opõe à saúde, mas acima de tudo, as potencialidades para ser, verdadeiramente, humano.

Referências

- Anvisa (2013). Metilfenidato no tratamento de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. *Boletim Brasileiro de Avaliação de Tecnologias em Saúde (BRATS)*. N° 23
- Basaglia, F. (2010). O circuito do controle: do manicômio à descentralização psiquiátrica. In: Amarante, P.D.C. (Org). *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica* - Franco Basaglia (pp. 237-257). Rio de Janeiro: Garamond
- Baumgardt, J. L. S., & Zardo, P. L. G. (2016). A medicalização dos afetos: a ritualização da infância e as implicações aos direitos da infância e adolescência. *Cadernos da Escola de Direito*, 3(26), 81-94.
- Brust, R. E. F., Braga, T. B. M. & Farinha, M. G. (2022). Everyday problems, population perceptions and medicalization. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 6, p. e17711628869.
- Ching, C., Eslick, G. D. & Poulton, A.S. (2019). Evaluation of Methylphenidate Safety and Maximum-Dose Titration Rationale in Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder: A Meta-analysis. *JAMA Pediatr.*1;173(7):630-639.
- Clavenna, A., & Bonati, M. (2014). Safety of medicines used for ADHD in children: a review of published prospective clinical trials. p. 866–872.
- Focault, M. (1984) *Microfísica do poder*. Roberto Machado, org., rev. e introd.
- Fórum sobre a medicalização da educação e da sociedade. (2015). *Recomendações de práticas não medicalizantes para profissionais de educação e saúde*. São Paulo: Faculdade de Educação da USP.
- Franco, A. de F., Mendonça, F. W. & Tuleski, S. C. (2020). Medicalização da infância: avanço ou retrocesso. *Nuances: Estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, v. 31, n. esp.1, p. 38–59.
- Freitas, F. & Amarante, P. (2015). *Medicalização em psiquiatria*. Rio de Janeiro. Fiocruz.
- Grimmsmann, T. & Himmel, W. (2021). The 10-year trend in drug prescriptions for attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD) in Germany. *Eur J Clin Pharmacol* 77, 107–115.

Krinzinger, C. L. Hall, M. J. Groom, M. T. Ansari, T., Banaschewski, J.K. Buitelaar, et al. (2019). Neurological and psychiatric adverse effects of long-term methylphenidate treatment in ADHD: A map of the current evidence. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 107, pp. 945-968

Morgan, H. L. et al. (2016) Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio Grande Do Sul, p. 102-109.

ONU (2015). Report of the International Narcotics Control Board for 2014. *United Nations: International Narcotics Control Board*.

Reis, M. N. et al. (2018) Riscos associados ao uso inadequado do metilfenidato. *Revista Eletrônica Saúde e Ciência*. Vol: 08.

Rodrigues, T. de S. & Silva, S. M. C. da. (2021). Medicalização, dislexia e TDAH no ensino superior: contribuições da psicologia histórico-cultural. *Psicologia Em Estudo*, 26.

Salviano, L. H. M. S. (2015) Estudo de segurança da Ritalina® (cloridrato de metilfenidato) em animais adultos: aspectos de neurotoxicidade e nefrotoxicidade. *Tese de doutorado – Universidade de Federal do Ceará*, Fortaleza, p. 149.

Silva, L. M. & Canavez, F. (2017). Medicalização da vida e suas implicações para a clínica psicológica contemporânea. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 17, n. 3, p. 117-129.

Tolentino, J. E. F. & Netto, J. P. S. (2019). O uso off label de metilfenidato entre estudantes de medicina para aprimoramento do desempenho acadêmico, ESCS, Brasília-DF.

Schuindt, A., Menezes, Vitória C. & Abreu, C. R. de C. (2021). As consequências do uso da ritalina sem prescrição médica. *Revista Coleta Científica*, 5(10), 28-39.

Zangrande, H. J. B. et al., (2021). Infância tarja preta: sentidos da medicalização atribuídos por crianças diagnosticadas com TDAH, *Brazilian Journal of Development*. 7 (3), 25317-25336.